EDITORA da FUNDARTE
REVISTA DA FUNDARTE
ANO 17 / NÚMERO 34 / AGOSTO A DEZEMBRO DE 2017



Estágio Supervisionado no Hospital: um novo panorama de atuação e uma nova realidade na rotina das instituições de saúde

Márcio Bittencourt Reggion1

Resumo: O presente artigo apresenta aspectos do Estágio Supervisionado III, de um curso de Licenciatura em Música. Relata os fatos de maior relevância durante as práticas desenvolvidas no período de três meses. Foi realizado em ambiente hospitalar, proporcionando uma experiência única no que diz respeito ao modo de pensar as práticas musicais. Para realização de estágio em ambiente hospitalar, se faz necessário adotar uma rotina diferenciada em relação a estágios anteriores com encontros semanais entre estagiários e orientador, pois as ações e o planejamento são coletivos. A atuação dos estagiários é conjunta, em parceria com o orientador e o supervisor local. Apresenta assim um novo panorama de atuação profissional e aponta para uma nova realidade na rotina das instituições de saúde, e, por conseguinte, na qualidade de vida dos pacientes, acompanhantes e profissionais de saúde.

Palavras-chave: Ambiente hospitalar, Educação musical, Estágio Supervisionado.

Supervised Internship: a new panorama of action and a new reality in the routine of institutions of health

Abstract: This article presents aspects of the Supervised Internship III, of a Licentiate in Music course. It reports the most relevant facts during the practices developed in the three-month period. It was performed in a hospital environment, providing a unique experience regarding the way of thinking about musical practices. To carry out internships in a hospital environment, it is necessary to adopt a differentiated routine in relation to previous internships with weekly meetings between trainees and counselor, since the actions and the planning are collective. The trainees work together, in partnership with the supervisor and the local supervisor. It presents a new panorama of professional performance and points to a new reality in the routine of health institutions, and, therefore, in the quality of life of patients, caregivers and health professionals

Keywords: Hospital environment, Musical education, Supervised Internship.

---

[1] Graduado pelo Centro Universitário Metodista – IPA em Licenciatura – Música. Participou do projeto de pesquisa PIBID/CAPES/IPA, em docência compartilhada no ensino fundamental, no período de 2014 a 2017. Realizou Estágio no Hospital Mãe de Deus, educação musical em espaço não escolar, projeto de humanização das rotinas do hospital. Professor de música no Colégio Anchieta de Porto Alegre RS. Educador musical, atuante com público infanto juvenil, adultos e terceira idade. Participante do Grupo de Pesquisa da AMPAL (ATENÇÃO DOMICILIAR MULTIPROFISSIONAL AO LONGEVO) na PUCRS com a coordenação do professor Dr. Ângelo José Gonçalves Bos.

REGGIORI, Márcio Bittencourt. Estágio Supervisionado no Hospital: um novo panorama de atuação e uma nova realidade na rotina das instituições de saúde. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.94-109, ano 17, nº 34, agosto/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.dov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>. 20 de dezembro de 2017.



INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um recorte do relatório de estágio Supervisionado III realizado em um curso de Licenciatura em Música e objetiva ilustrar uma experiência em ambiente não escolar, apresentando uma área de atuação que não aquelas estruturadas dentro das instituições formais de educação. Nesse contexto o profissional opta por uma realidade com rotinas próprias e cada atividade proposta compõe um fazer musical específico a cada situação. Dentro dos espaços oferecidos está o da música no ambiente hospitalar. Por meio de uma dinâmica bastante específica, por ser um espaço vinculado ao tratamento da saúde, o estágio no hospital possui uma estrutura com diferentes etapas daquelas realizadas nos espaços escolares, desde seu sistema de observação, planejamento e regências. Desta maneira, ter a experiência no espaço não escolar- nesse caso em um hospital - traz o desafio de humanizar de forma mais intensa as práticas musicais, expandindo as emoções tanto de quem faz música quanto quem a escuta. Nesse sentido, trago as palavras de Stockhausen , ao ressaltar que

> [...] o papel das artes é explorar o espaço interior do homem; descobrir quantas e com qual intensidade ele pode vibrar, por meio do som, por meio do que ouve, o que quer que seja. Elas são um meio pelo qual ele expande seu universo interior. (STOCKHAUSEN, 2009, p.44)

O Estágio tem por objetivo preparar o futuro professor para atender as demandas peculiares à docência. Para obter bons resultados nas regências, é preciso um planejamento sólido e bem fundamentado. Este planeja mento deve ser pensado pelo estagiário, juntamente com o orientador de estágio em concordância com o supervisor local. Para dar profundidade nas reflexões a respeito do planejamento, o estagiário deve lançar mão de uma impor-



tante ferramenta, a observação. Através da observação, é possível verificar as rotinas da docência, suas demandas e principais características, conhecer os perfis das turmas e necessidades dos alunos, bem como os processos que estão presentes dentro da instituição escolar. O ato da observação, deve ir além do que está no limite dos olhos. Portanto, de acordo com Morato e Gonçalves (2008), "conhecer a realidade" em que se vai atuar implica desvendar nossos olhos, [...] implica questionarmos: "De onde estou falando? (Morato e Gonçalves, 2008, p.122). Produzindo maior produtividade nas práticas, transformando a experiência de estágio, em uma etapa a ser cumprida com plena realização, por parte do estagiário, do professor da escola sedente do orientador acadêmico, da escola e do centro universitário. Encerrando a atividade com boas práticas, consciência das responsabilidades e produzindo conteúdo científico de qualidade e excelência acadêmica.

OBSERVAÇÕES: Entre Reuniões, Integração e Invasão cultural

Uma das características diferenciadas desse estágio está relacionada ao período das observações. Para os primeiros estágios que envolvem as escolas de ensino fundamental e de ensino médio, devemos observar as atividades de um profissional experiente na área a fim de compreender as formas de atuar frente a situações reais do cotidiano docente. Por outro lado, no estágio III, realizado em ambiente hospitalar, o estagiário tem que participar de diferentes atividades que constituem o capítulo de observação do seu relatório. Para melhor compreender a dinâmica das observações, que nesse estão separadas em três tópicos com cada momento dessa etapa, sendo estes:

REUNIÕES

A primeira atividade da observação está relacionada as reuniões de estágio. Diferente das experiências anteriores as reuniões de estágio III são se-



manais, resolvendo questões pontuais das atividades a serem realizadas na respectiva semana.

Nas reuniões são decididos os aspectos relativos à seleção do repertório e dos procedimentos específicos para o ambiente hospitalar, bem como a leitura de textos, como por exemplo: “Para uma definição da música em meio de saúde” e a “Música não serve nada, mas é imprescindível” de autoria de Victor Flusser (2014) que serviu de apoio às questões como a humanização e procedimentos do músico de hospital, ao ressaltar questões fundamentais, como por exemplo, aquilo que a atividade de música no hospital não é: filantropia ou terapia. Aponta também diretamente para as rotinas na realidade do estágio hospitalar e as reuniões são semanais pois a atividade de estágio é sempre realizada em grupo. Durante as práticas e regências os estagiários são acompanhados pela orientadora do estágio e pela supervisora local, que no caso era uma terapeuta ocupacional e funcionária do Hospital. Desse modo o estágio no Hospital torna-se uma experiência única, pois nele o orientador e o supervisor local participam continuamente junto aos estagiários.

INTEGRAÇÃO

A atividade de integração também faz parte das observações do estágio supervisionado III no espaço hospitalar e é organizada pelo Hospital. Durante um dia inteiro os estagiários de música participam de cursos juntamente com estagiários da área da saúde e funcionários recém efetivados. As atividades compreendem curso de primeiros socorros, prevenção contra incêndio, acidentes biológicos, diretrizes institucionais e cuidados com equipamentos de ressonância magnética e raio X. A integração é a oportunidade de compreender alguns aspectos a respeito das rotinas dentro do ambiente hospitalar, tornando-se um momento para refletir sobre as práticas a serem feitas e os cuidados prévios para o início do estágio em ambiente hospitalar.



INVASÃO CULTURAL

A invasão cultural é uma atividade criada pelo hospital que acontece uma vez por semestre com grupos de diferentes estagiários. Nela os estagiários juntamente com as coordenadoras do curso e a supervisora do hospital, andam pelos corredores tocando e cantando músicas do repertório elaborado durante as reuniões de estágio. Pelos corredores do 9° ao 4° andar, ao som de violões, flauta transversal, trompete, voz e percussão foram tocadas músicas de repertório popular de compositores como: Roberto Carlos, Tim maia, Gil entre outros. Muitos pacientes, acompanhantes e funcionários se contagiam pelo som das músicas e participam, cantando, mexendo o corpo e as vezes tocando algum instrumento de percussão que lhes é oferecido pelos estagiários ou pelas coordenadoras. É possível constatar o quanto é intenso o estágio no hospital, exatamente como conversado em reuniões bem como a literatura apresenta em textos a trabalhos acadêmicos. Ao som de voz, violão, saxofone, flauta transversa, trompete e muita percussão os acordes de *Vamos fugir* de Gilberto Gil invadia quartos e corredores, contagiando as pessoas que não ficam indiferentes à aparição dos estagiários do curso de música. As músicas Você de Tim Maia e É preciso saber viver de Roberto Carlos também fazem sucesso. Um obstáculo surge em alguns momentos nos quartos, pois a acústica não permite um bom retorno atrasando o som para os colegas que ficam no corredor, gerando um efeito *delay* (atraso no som), comprometendo a performance por alguns instantes. Muito impressionante é observar que pessoas rodeadas de tubos, fios e todo o aparato relacionado ao ambiente hospitalar apresentam disposição para participar do momento seja cantando, tocando ou apenas batendo um dos pés timidamente. Foi possível vivenciar aqueles instantes de pausa no tempo, ou na vida, como relatado pelo professor Flusser em seus artigos.



PLANEJAMENTO COLETIVO: Desafios de uma nova Docência

Para a realização do estágio no hospital, se faz necessário que esse seja pensado e organizado coletivamente. Nele as ações dos estagiários são conjuntas, pois estes atuam em grupos pré-definidos, de acordo com a disponibilidade de horários do hospital em concordância com os estagiários. É nas reuniões que são feitas algumas das leituras, o planejamento coletivo das ações e também os ensaios. Segundo Romanelli (2008, p. 131) "O planejamento é uma atribuição do professor que consiste na sistematização do ensino para desenvolver situações educativas, por meio da previsão das ações docentes". No estágio em ambiente hospitalar existe a relevância dos ensaios, pois o repertório é muito amplo, e cada semana se acrescenta pelo menos uma música nova, devido aos pedidos que surgem dos pacientes, acompanhantes e funcionários. As reuniões tornam-se cada vez mais importantes, nelas o grupo se fortalece, pois, as atividades não são sequenciais e cronológicas devido a constante variabilidade de público, a cada atuação nas regências.

REGÊNCIAS: nos corredores, quartos e UCE (Unidade de Cuidados Especiais)

As regências ocorreram sempre das 14hs até as 17hs, nos corredores e , quartos do Hospital, começando no 9º andar e descendo um a um até chegarmos ao 4º andar onde estava situada a UCE (unidade de cuidados especiais). Estávamos entre seis estagiários o que fortaleceu nossa atuação, divididos entre violões, sopros e percussão, atuávamos utilizando a ferramenta da prática musical coletiva. Todos cantavam, juntamente com a orientadora, a supervisora local Terapeuta Ocupacional e o líder do subcomitê de arte música e entretenimento e responsável pelas normas de qualidade e segurança. Os três davam suporte vocal, percussivo e auxiliavam na interação com os pacientes, familiares e funcionários que se juntavam à atividade.



Para nossa atuação após a **Invasão cultural**, retomarmos questões referentes ao repertório e a ordem a ser seguida das músicas. Foram tantas as informações referentes aos protocolos hospitalares, normas de segurança e espaços físicos visitados que se fazia necessário essa rápida conversa entre os estagiários a coordenadora do curso e a supervisora do hospital, para alinharmos nossas ações em prol do sucesso de nossa atuação. Como nosso grupo era grande e composto por diferentes instrumentos musicais de sopro, cordas, percussão e vozes, era importante o cuidado com as dinâmicas referentes a intensidade do som, haja vista que estávamos desenvolvendo nosso trabalho num local que normalmente se preza pelo silêncio.

A atuação dentro do hospital é bastante dinâmica, muitas coisas acontecem durante o tempo em que a música está sendo executada. Andar pelos corredores, tocar, cantar e ao mesmo tempo estar atento para desviar das macas, cadeiras de rodas, equipamentos de saúde, assim como enfermeiras e médicos em seus procedimentos e familiares circulando em seu ir e vir na companhia de seus entes. As práticas do educador musical no ambiente hospitalar, acontecem de forma diferente de outros espaços específicos de educação musical, pois segundo Torres e Leal, “Há um fazer musical itinerante que transformava os quartos, alterando as fronteiras entre o som e o silêncio, que invadia os corredores e salas e reconfigurava os modos de fazer educação musical” (2013 p. 54). É importante que o músico que atua nessa área esteja com as questões do repertório bem resolvidas, a música deve fluir naturalmente para que se possa estar atento ao redor, àquilo que surge inesperadamente a cada corredor, cada quarto, a cada olhar de quem se entrega para dividir um pouco de si naquele momento único de pausa no tempo da vida.

Durante as semanas de estágio se pode vivenciar diversas experiências dentro do ambiente hospitalar. “O tempo de hospitalização é um parêntesis, é um tempo no tempo da vida (Flusser, 2005, p. 4).” O paciente sofre uma pausa nas atividades de sua vida quotidiana. É nessa pausa, nesse parêntesis, que



nossa atuação se faz presente, e pode de algum modo resgatar a humanidade do paciente. “O cuidar humanizado implica a compreensão e a valoração da pessoa humana enquanto sujeito histórico e social (Silva Júnior, 2012, p.172)”. Por meio dos sons, das melodias e ritmos que recobram as mais remotas memorias, daqueles indivíduos que ali estão por um curto ou longo espaço de tempo, da trajetória de suas vidas. Estudos feitos na área da música em ambiente hospitalar apontam para a aquisição de benefícios, para a saúde dos pacientes, por meio dessas práticas e demonstram aceitação positiva por parte de pacientes, acompanhantes e profissionais da área da saúde, oportunizando e devolvendo um pouco do que se é enquanto se está em situação de fragilidade humana. Para o professor Flusser,

> [...] Trata-se de criar as condições para que todas as pessoas presentes numa instituição de saúde possam reivindicar a sua dignidade e sua unicidade num encontro livre <<gratuito>>, encontro este que se articula pela música. (2005, p. 3).

Com base na experiência adquirida em semanas anteriores, optamos por iniciar com o gênero do forró. Os pacientes, funcionários e acompanhantes demonstravam entusiasmo e alegria já nos primeiros acordes e frases dos instrumentos de sopro. A música de Gilberto Gil Esperando na janela, fazia surgir muitos sorrisos. Em um dos andares dois casais começaram a dançar transformando o ambiente, parecia um baile. A energia da música contagiava e logo outras pessoas se aproximavam para participar, cantando e batendo palmas. Penso que as alegrias desses momentos sejam importantes para a recuperação dos pacientes e auxilia os familiares a enfrentar as adversidades. Nesse sentido Nascimento e Crepalde apontam que,

> [...] os hospitais têm procurado, através do processo de humanização, proporcionar um ambiente de conforto e bem-estar durante a permanência do paciente no local, minimizando o



> impacto gerado pelo ambiente hospitalar. A música aparece como uma ferramenta de grande eficiência dentro do processo de humanização ajudando no restabelecimento da saúde, e é de suma importância o seu estudo nesta perspectiva (NASCIMENTO e CREPALDE, 2015 p. 25).

Durante a execução das músicas alguns pacientes se envolviam bastante na atividade, conversando e contando histórias de seu passado. Determinadas melodias trazem à tona momentos bons guardados na memória, porém escondidos pela condição imposta no presente. Vitor Flusser fala sobre o tempo extraordinário, explica que durante o tempo da música ficamos dominados por ela, em suas palavras diz: Ficamos numa outra realidade – realidade poética, estética -, mobilizando as emoções e as reminiscências, pessoais os pensamentos e as curiosidades intelectuais (Flusser, 2005, p.4). Em um desses momentos de recordações, uma paciente pediu à música Debaixo dos caracóis dos seus cabelos (Roberto e Erasmo). O encontro entre os estagiários de música e os indivíduos que pertencem ao ambiente hospitalar, é o destino proporcionado pelo bilhete de viagem que é a música (Flusser 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar esse relato de estágio no espaço hospitalar, trago algumas reflexões que foram surgindo e mesclaram-se com as práticas e vivências musicais no hospital, na forma de histórias musicais. Meu envolvimento com a música começou cedo, aos treze anos de idade, quando me apresentei no Foyer do Theatro São Pedro. Nesse período tocava bandolim e cavaquinho e executava obras genuinamente brasileiras de Jacob do Bandolim e Waldir Azevedo. Ao longo de minha adolescência continuei diversificando meu universo musical, estudei violão clássico, contrabaixo elétrico, teoria musical e improvisação.

Aos dezoito anos já havia participado de muitos projetos culturais em teatros, cidades do interior e projetos de descentralização da cultura em comuni-



dades carentes de Porto Alegre nos anos 90, período onde pouco se utilizava o termo projeto social. Foi próximo a essa época que comecei a dar aulas de música no Instituto Musical Verdi e na Escola de Música da Fundação Cultural de Canoas, onde trabalhei de outubro de 1995 a fevereiro de 2012, na escola e num projeto social desenvolvido na Vila Cerne/Canoas. Trabalhei na Fundação até sua extinção pela prefeitura de Canoas em 2012.

Estudei na Escola de Música da OSPA, contrabaixo acústico com o professor uruguaio Milton Masciadri, teoria musical com a professora Vera de Los Santos e percepção musical com Lúcia Teixeira. Meu trabalho como professor sempre foi dividido com a atuação como músico. Ainda no período em que estudava na Escola da Ospa, conheci o pianista Carlos Garófali (uruguaio) e os bandoneonistas Carlitos Magallanes (uruguaio) e Dolly Costa (brasileiro). Com esses grandes músicos comecei a trabalhar e participar de shows de tango. Minha estreia no tango como contrabaixista acústico foi no festival Carijo da canção nativa em Palmeira das missões e a segunda na Califórnia da canção nativa em Uruguaiana, juntamente com o coro da Ospa, quarteto de cordas, Carlos Garófali, Carlitos Magallanes, Dolly Costa, os bailarinos de tango Marcelo Valentin (argentino) e Patrícia Calderón (brasileira) e a cantora Patrícia Magallanes. Em 2008 participei do filme média metragem do diretor Carlos Peralta Tango uma Paixão, que foi exibido em salas de cinema em Porto Alegre e na Europa em festivais. O filme era um documentário sobre o tango em Porto Alegre, com depoimentos de Hardy Vedana, Paixão Cortes, Hique Gomez, Arthur de Faria, Roque Araújo Viana, Paulo Pinheiro entre outros. Como contrabaixista fiz participações junto a orquestra jovem da Ospa e da orquestra Unisinos Anchieta com a qual acompanhei nomes como Kleiton e Kledir e Fafá de Belém.

Em 2014 entrei para um curso de Licenciatura em música e a minha procura por esse curso já era um planejamento de anos anteriores, porém por uma série de motivos, havia protelado essa decisão até então. Com a gradua-



ção desejava ampliar meus conhecimentos e também a área de atuação, bem como seguir carreira acadêmica, o que ficou bastante claro como objetivo, desde antes de ingressar na graduação. E foi durante a graduação que entrei para o PIBID (Programa institucional de bolsa de iniciação à docência), fazendo parte do subprojeto de música e atuando em escola da rede estadual em turmas de ensino fundamental series finais. O PIBID é um projeto da Capes que visa a atuação dos bolsistas em forma de docência compartilhada. Dentro do projeto o aluno bolsista tem que fazer o planejamento das aulas, de acordo com referencial teórico proposto pelo orientador nas reuniões, atuar na escola com a supervisão da professora titular da escola, produzir relatórios e resumos para apresentação de pôster e sustentação oral em seminários de iniciação científica e seminários PIBID. Participei do projeto PIBID de 2014/1 a 2017/2.

Hoje, ministro aulas de violão e teoria musical em um Colégio da rede particular de ensino de Porto Alegre. Tenho meu nome escrito em dois livros, um sobre a educação no Rio Grande do Sul, referente ao período que eu era aluno de bandolim e cavaquinho na escola de música Teclas e Cordas, e o outro que conta a história do tango em Porto Alegre, nesta outra fala do período que trabalhei com o tango tocando contrabaixo acústico. Participei da gravação de dois CDs patrocinados pela prefeitura municipal de Porto Alegre, na década de 90 intitulados A música de Porto Alegre as Origens, e a música de Porto Alegre O Choro. Em 2014 ganhei 6 prêmios na 38º Califórnia da Canção Nativa em Uruguaiana.

Dentro do mundo acadêmico, optei por fazer o terceiro e último estágio, em espaços não escolares, mais especificamente em ambiente hospitalar. Por já ter uma experiência próxima, e interesse na área. Dessa forma, participei do Estágio Supervisionado III, espaços não escolares, em Hospital particular em Porto Alegre, e trago as seguintes reflexões:

“A música não serve para nada..., mas é imprescindível “(Flusser 2014). Será? Me pergunto desde antes de ler a frase do professor Flusser. Para que



serve a música? Como algo pode ser imprescindível não tendo serventia alguma? Concordando ou não com a afirmação do professor, devo admitir, a provocação é válida. Trazer questões como essa para a reflexão, com certeza serve para alguma coisa. O futuro educador não deve esquecer o valor das perguntas, dos questionamentos. Nesse aspecto da música em ambiente hospitalar, para (Nascimento e Crepalde 2015) [...]faz-se necessária a utilização da música nos hospitais o que visa promover o lado humanístico, deixando de lado os tratamentos impessoais [...] colaborando para ter-se um ambiente harmonioso e descontraído dentro das instituições de saúde. Minha orientadora nesse trabalho, certa vez disse, que não se considerava educadora em definitivo, mas sim, se tornava educadora a cada dia. Trazendo uma afirmação importante no que diz respeito as competências do educador.

Pensando na música do ponto de vista da neurociência, estudos sugerem que ela atua no sistema opioide do cérebro. Portanto tem influência semelhante à de determinados tipos de fármacos (LEVITIN, 2017). Obviamente os pacientes se tratam com medicamentos, que são de via oral ou intravenosa, e com certeza cada um serve para um determinado tipo de enfermidade. Porém a música, não tem contraindicação, nem tão pouco indicação específica. Ao menos, não cabe ao educador discutir esse aspecto. Mas devo afirmar, que durante a experiência de estágio no hospital, pude presenciar o momento onde uma paciente relatou estar cinquenta por cento melhor, após ouvir a música que tocávamos em frente a seu quarto. Como diz no livro How Music Works de David Byrne, não conseguimos trocar uma lâmpada, ou consertar um vazamento com música, mas ela está entre nós desde o princípio das civilizações (BYRNE, 2012). Talvez devêssemos buscar como ela funciona, ou melhor, como funcionamos com ela. Muitos profissionais afirmam que preferem trabalhar com música.

Para os pacientes, torna-se um momento de humanização pois a música é o único elemento ofertado pelo hospital, no qual pode-se optar por querer



ou não. Todas as outras ações são impostas, na música, a pessoa internada pode agir por sua vontade própria. Pode sugerir, participar, dançar, cantar, bater palmas, percutir com instrumentos, sorrir e esquecer por instantes de porque está ali. O momento oferecido com a música convida a pessoa em situação hospitalar, a ser ela mesma outra vez. A emoção transforma a rotina com o uso da linguagem musical, movendo sensações escondidas ou esquecidas, e, como ressalta Flusser,

> [...] sentimentos à flor da pele, adormecidos ou recalcados: a música oferece a possibilidade de os articular, de os articular dentro de si. Com toda a delicadeza e pudor, o encontro musical oferece uma linguagem que permite às pessoas presentes no hospital protegerem-se de sentimentos demasiados vivos deixando-se deslumbrar pela música e caminhar para outras regiões, reencontrar emoções a muito tempo esquecidas, ou aproximar-se de sentimentos ou de emoções até então postos de parte, aceitando o convite evocador da música. (FLUSSER, 2005 p. 4).

Penso que a experiência em ambiente hospitalar, propicia ao futuro educador, uma consciência a respeito do preparo necessário para enfrentar a rotina educacional. Apesar da atuação ter muitos aspectos que diferem da rotina escolar, a capacidade de improviso e do olhar atento ao todo, que está a nossa volta, ensina e prepara para situações inesperadas que, com certeza, aparecerão em nossa caminhada profissional. Nas rotinas do hospital lidamos com cuidados específicos da área da saúde, como por exemplo, ficar em alerta a pacientes com risco de queda, ou a não entrar em quartos com avisos de risco de contaminação. Controlar a intensidade do som em todos os espaços, principalmente na UCE (Unidade de Cuidados Especiais). Em momentos inesperados, uma luz vermelha é acionada na porta de algum quarto, é sinal que o paciente chamou a enfermeira e devemos deixar o caminho livre. Aspectos específicos da rotina, porém rapidamente nos familiarizamos a eles, do mesmo modo como se aprende que barra dupla e dois pontos indica o retorno. Durante o

período de estagio, percebi que tanto os pacientes, como os acompanhantes e os funcionários, já aguardavam nossa chegada. Em muitos momentos a humanização das rotinas me pareceu bastante possível. Principalmente quando se vê pessoas dançando, pedindo músicas, cantando junto, batendo palmas e sorrindo. Gestos que poderiam ser narrados em qualquer situação, porém pouco provável dentro de um hospital.

Ao decidir pelo estágio no hospital, tinha dúvidas quanto a relação entre a educação musical naquele espaço. Pensava, mas isso não é terapia? O que ensinamos? Ou então, o que aprendemos? As respostas foram surgindo ao longo do processo. Talvez, o erro estivesse nas perguntas. Daí a importância do questionamento constante do educador. A pergunta então seria, o que é a aula de música? Ela tem um formato especifico? Existem protocolos para uma aula de música? O professor deve sempre ensinar? Ou ele as vezes aprende também? E as perguntas chegando a cada etapa, e a cada nova resposta. A aula de música e nem tão pouco, aula alguma, pode ser sempre igual, o professor muitas vezes aprende mais que ensina, e por fim, muitos encontros pedagógicos tornam-se verdadeiras terapias, pois entregar os saberes ou vivenciá-los com os outros salvam vidas, e isso também faz parte do processo de ensino aprendizagem.

Então, os apontamentos desse trabalho mostram que sim, fazemos práticas musicais, assim como seriam em uma sala de aula convencional, sim os conteúdos estão ali, para serem experimentados, vividos e implícitos muitas vezes. Assim como a situação educacional independe de estarmos em sala de aula ou não, a situação terapêutica, também não necessita do consultório. Haja vista a quantidade de alunos adultos, que procuram aprender algum instrumento, ou o que quer que seja, como forma de terapia. A questão é de onde observamos cada situação, onde está nosso foco. Aqui afirmo, com certeza, que o nosso olhar está na educação. E de acordo com (NASCIMENTO e CREPALDE, 2015 p. 33) [...] quando a música é utilizada por profissionais es-



pecializados e com formação na área, ela se torna um instrumento benéfico para a saúde e por isso defende-se a sua utilização no ambiente hospitalar. Somos educadores de música, atuando em ambiente hospitalar, musicalizando todos àqueles que desejarem participar de nossas aulas itinerantes.

Espero que a tentativa de humanização das rotinas, no ambiente hospitalar, de fato tenha contribuído para a melhoria do dia-a-dia do hospital. Talvez de algum modo, tenhamos deixado uma marca de música, alegria e algum ensinamento. Pois de minha parte, posso afirmar que o aprendizado foi extrem9amente positivo e consolidado. E que aquelas tardes no Estágio Supervisionado III, em espaços não escolares/ambiente hospitalar, deixaram para traz o famoso quadro da enfermeira, com o dedo na frente dos lábios, fazendo sinal de silêncio.

Referências:

BYRNE, David: How Music Works. UK: *Mc Sweeney's Books*, 2012.

FLUSSER, Victor: *A música não serve para nada..., mas é imprescindível*. Portal do Envelhecimento. item. 214, março. 2014.

FLUSSER, Victor: Para uma definição da música em meio de saúde. *Os cadernos da música no hospital.* Tipografia da Universidade March Block, Estrasburgo, França n 1, setembro. 2005.

LEVITIN, Daniel; MALLIK, Adiel; CHANDA, Mona Lisa: Anhedonia to music and mu-opioids: Evidence from the administration of naltrexone. Scientific Reports. Canada, February. 2017.

MACONIE, Robin Stockhausen sobre a música / *palestras e entrevistas* compiladas por Robin Maconie; tradução Saulo Alencastre. – São Paulo: Madras, 2009

MORATO, Cintia, Thaís; Gonçalves, Lilia Neves. Observar a prática pedagógica-musical é mais do que ver! In: MATEIRO, Tereza; SOUZA, Jusamara (Org.). *Práticas de ensina música:* legislação, planejamento, observação, registro, orientação: espaços e formação. Porto Alegre: Sulina, 2008. P. 111-124.

REGGIORI, Márcio Bittencourt. Estágio Supervisionado no Hospital: um novo panorama de atuação e uma nova realidade na rotina das instituições de saúde. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.94-109, ano 17, nº 34, agosto/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.dov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>. 20 de dezembro de 2017.



NASCIMENTO, Camila Aparecida Alves; CREPALDE, Neylson João Batista Filho: *A música como recurso nos processos de humanização hospitalar*. Formação Docente. v.7, n.1, janeiro/junho. 2015.

PIBID – *Subprojeto música*. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência. Projeto PIBID/CAPES/IPA, Porto Alegre: Centro Universitário Metodista IPA, 2014.

ROMANELLI, Guilherme.G.B. B, Planejamento de aulas de estágio. In: MATEIRO Teresa, SOUZA Jusamara. (Orgs.) *Práticas de ensinar*. P.133, cap.8, 3° edição Editora Sulina, Porto Alegre, 2014.

SILVA JÚNIOR, José Davison da. Música e saúde: a humanização hospitalar como objetivo da educação musical. *Revista da ABEM*. Londrina, v.20, n.29, jul. 2012.

TORRES, Maria Cecília de Araújo Rodrigues; LEAL Cláudia Maria Freitas. Reflexões de professoras supervisoras de estágios supervisionados de Música no ambiente hospitalar: desafios e aprendizagens. *Revista da Fundarte*, Montenegro. n.26, jul. 2013.